



**ARTIGOS
LIVRES**

Revista
Diálogos
(RevDia)

Preto-balização: uma narrativa contra hegemonia das globalizações e o universalismo euro-americano

Arménio Alberto Rodrigues Roda¹
armenioroda@gmail.com
Augusto Checue Chaimite²
augustochecuechaimite@gmail.com

RESUMO:

Neste artigo, buscou-se apresentar uma nova gramática contra-hegemônica denominada de preto-balização ou globalização do preto, que visa recuperar as ideias da negritude, do pan-africanismo e do nacionalismo negro, para fazer face à atual estrutura global do universalismo, eurocentrismo, neocolonialismo e capitalismo que continuam oprimindo a população preta, que se vê sub-humanizada, empobrecida, encarcerada e aprisionada sob o jugo do sistema global dominante, alicerçado em arranjos neocoloniais. Portanto, a preto-balização busca enxergar os problemas da população negra como globais, onde se identifica o negro e sua cultura marginalizada e subalternizada em vários lugares do mundo. E por fim, reafirma-se a importância de uma visão de solidariedade negra no panorama global.

PALAVRAS- CHAVES:

Preto-balização;
Globalização
Hegemônica e
Contra
Hegemônica;
Universalismo;
Pan-africanismo
e Negritude.

¹ Universidade Federal da Bahia

² Universidade Federal da Bahia e Universidade Zambeze

1 Introdução

Em um panorama de recrudescimento do localismo globalizado euro-americano, que vai influir na sociedade moderna através de narrativas coloniais e hegemônicas, amparadas pelo universalismo cultural, científico e ideológico, que propõe a mundialização de ideários como o liberalismo, capitalismo, consumismo, eurocentrismo, racionalismo, holywoodismo, hamburguismo, entre outros “ismos”, sem descurar de conceitos sociais unívocos sobre a moda, beleza e a massificação do inglês imposto como a língua padrão universalizada. Por outro lado, assiste-se à massificação o dogmatismo dos direitos humanos universais de matriz liberal individualista, versada nos valores ocidentais que servem para reafirmar a autoridade e a supremacia eurocêntrica no mundo e que, de certa forma, cumprem a agenda neocolonial de eliminação ou banimento de outras alteridades.

A hegemonia eurocêntrica globalizada tem contribuído para a proliferação de violência globalizada contra pessoas pretas e não brancas, o que se evidencia pelas mortes sistemáticas de pessoas pretas, como o caso de Jorge Floyd, nos Estados Unidos; assassinatos seletivos de pessoas pretas nas favelas do Rio de Janeiro, no Brasil, protagonizados pela Polícia Militar; o assassinato de Stephen Lawrence em Londres; o encarceramento em massa de pessoas negras; a vigilância policial sistematizada; a privação do direitos fundamentais dos negros na África do sul; e a extrema pobreza que afeta os negros no mundo inteiro, é resultado de modelos estruturantes hegemônicos e coloniais que controlam a dinâmica da vida globalizada. Entretanto, urge-se compreender as novas forças coloniais hegemônicas que governam a modernidade e orquestram novas formas de violência e marginalização do povo negro e os não brancos no cenário global.

E nesta ordem de ideias, o presente artigo tem como objetivo fulcral apresentar a *preto-balização* ou a *globalização do preto*, como uma nova categoria gramatical, filosófica e ideológica, que visa responder às atrocidades e subalternização do povo negro no cenário global, buscando reconstruir os significados políticos filosóficos do pan-africanismo e da negritude, correntes que visam a emancipação, autodeterminação e reconhecimento dos direitos dos povos africanos e afro-descendentes na diáspora. Neste sentido, propomos a preto-balização como mecanismo de resposta contra hegemônica que reafirma a cidadania e a autonomia do preto numa esfera global. Sendo assim, a pesquisa será conduzida através da revisão bibliográfica e desencadeada por abordagens críticas aos ideários hegemônicos coloniais globalizados, que imperam na

sociedade moderna e que também viabilizam a subalternização do ser humano preto e dos não brancos como indígenas que perpassam problemas similares.

O trabalho será dividido em duas partes fundamentais. Num primeiro momento o trabalho apresenta a ideia central da preto-globalização face aos fenômenos globais e hegemônicos presentes na sociedade moderna, visando construir um olhar contra hegemônico com base na afrocentricidade, e num segundo momento, o trabalho dialoga com os ideais do pan-africanismo e da negritude em diálogo com a preto-balização ou negro-globalização, narrativa que busca recuperar a emancipação global do negro, enquanto ser subalternizado globalmente.

2 Preto-globalização: uma resposta contra hegemônica ao universalismo euro-americano

A modernidade impõe-nos novas dinâmicas globais, tais como os imperativos do localismo globalizado³, que são culturas e ideologias ocidentais que se tornaram globalizadas e tidas como universais, exaltando os valores e paradigmas ocidentais, ostentando posições hierarquicamente superiores, e por outro lado, vislumbram-se conceitos eurocêtricos dominantes que constituem tecnologias e meios discursivos instrumentalizados para a marginalização e subalternização de alteridades culturais africanas e não ocidentais, no qual, o outro é invisível aos parâmetros da cultura hegemônica. Os critérios hegemônicos globalizados, ignoram o negro enquanto sujeito da modernidade, que se digladiava para reafirmar a sua dignidade no espaço global.

Essas narrativas já se vislumbravam com as colocações Hegelianas, que afirmava a Europa como o fim da história universal e negro como ser despido da razão⁴. Por outro lado, assistiu-se a taxonomização das raças, onde acreditava-se que o ser humano africano não possuía alma, estando na posição de subhumano devido as suas características biológicas. Entretanto, na modernidade, o preconceito e racialização das relações sociais vigente na sociedade moderna globalizada, atuam através de outros paradigmas excludentes que coloca o homem preto na posição subalterna e marginalizada.

³ Santos, Boaventura de Souza. *Uma concepção multicultural de direitos humanos*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 1997, n. 39 [Acessado 4 Junho 2021] , pp. 105-124. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>>. Epub 19 Nov 2010. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>. Acessado no dia 02 de jun de 2021.

⁴ DUSSEL, Enrique. 1942. *O Encobrimento do Outro: origem do mito da modernidade*: Conferência de Frankfurt/Enrique Dussel, Tradução A. Classen. Petrópolis: Vozes, 1993.p.105.

A preto-balização ou a globalização do preto, é uma gramática filosófica contra hegemônica que tem como alicerce o pan-africanismo e a negritude, movimento político, filosófico, social, ideológico e cultural, que busca a emancipação do continente africano e do homem negro, visando a unidade africana, a erradicação dos colonialismos, escravidão e reconhecimento dos direitos dos povos africanos e afro-descendente. E por outro lado, a negritude exprime a valorização da cultura e arte africana⁵.

Pretobalizar é definir o preto como uma parte integrante e significativa da humanidade e da modernidade, cuja personalidade deve ser reconhecida no panorama global. Pois, globalizar o preto constitui, em primeiro lugar, reivindicar de maneira global as atrocidades desencadeadas sobre os corpos pretos, que se tornaram a carne do capitalismo; em segundo, a preto-balização chama à consciência as comunidades negras do mundo aos problema globais nos quais estamos imersos, em terceiro, a pretobalização visa definir novos mecanismos internacionais de defesa contra a marginalização do povo preto e, ao mesmo tempo, conceber os problemas da subhumanização do povo preto como um problema globalizado. Ademais, a pretobalização busca despertar a militância e as comunidades negras para a importância da solidariedade global do povo preto, podendo viabilizar-se estratégias contra o racismo e outras formas de discriminação entre movimentos negros no mundo inteiro, para melhor enfrentamento do discurso hegemônico colonial instalado no sistema global.

Pretobalizar é também uma premissa antropológica, histórica e social que visa recuperar a identidade e o vínculo da ancestralidade cultural africana, que pode ser vivenciada pelo africano no seu continente, na diáspora e pelos afro-descendentes em qualquer espaço geopolítico, que assistem as suas identidades culturais destruídas pelo discurso ocidental universal hegemônico, que exclui a cultura do Outro, vista como canibalesca.

A preto-balização propõe a restauração cultural africana que tem sido apagada pouco a pouco, a exemplo das línguas nativas que vêm sofrendo o maior ataque da história, pois até em países africanos, as línguas nativas têm sofrido uma verdadeira erosão. Já que estes idiomas vêm sendo substituídos por um paradigma camuflado de modernidade que padroniza a língua inglesa como portal de acesso, usado para definir as capacidades e funcionalidades do sistema

⁵ MUNANGA, Kabengele. *Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro*, Ilha – Revista de Antropologia – ISSN 2175-8034 v. 18 n. 1 (2016), disponível em; DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2016v18n1p109>

globalizado, ou seja, é um vetor que estabelece parâmetros de aceitação do cidadão moderno ou não civilizado, excluído dos aparatos sistêmicos das globalizações⁶. Enfim, a preto-balização é, sem dúvida, o estabelecimento da centralidade africana, ou seja, o preto e sua cultura como categorias emancipadas e autônomas, com padrões civilizatório e epistêmico intrínseco à ancestralidade africana.

3 Herança e resquícios coloniais invisibilizados pelo discurso das Globalizações

Em países que têm herança colonial portuguesa, como Angola e Moçambique em especial, têm perdido o valor ancestral das línguas nativas lá existente, em pretexto da alegada unidade nacional e adaptação global. O que nos parece como um mecanismo simbólico do colonialismo, que reduz as formas de resistência e autoafirmação histórica do povo africano. Pois, a perda de signos linguísticos conduz um povo à aceitação de neocolonialismos⁷ que se manifestam por via da linguagem e pelos signos linguísticos, que vão definir os códigos de dominação, como civilizado e não civilizado, assimilado e não assimilado, bárbaro e humano, profano e santo, negro e branco, racional e não racional, que são categorias excludentes e de subalternização outrora usadas para justificar o colonialismo e a escravidão. Desta maneira, quem é detentor da língua vai definir a regra do jogo.

De tal forma que hoje, o continente africano se encontra classificado de acordo com a herança colonial onde se encontram os países anglófonos, francófonos e lusófonos, o que não passa de uma narrativa colonial forjada da própria ideia de unidade africana ou África como um só povo que vive separado pela classificação linguística. Para Isidro Fortunato, um ativista pan-afrinista⁸ de Angola, essa classificação permite que os cidadãos dos países africanos ignorem a irmandade africana, permitindo que os mesmos passem a ter mais afinidade com seus ex-senhores com quais gozam semelhança da linguística.

E as posições hegemônicas culturais não esgotam em questões linguísticas, todavia quando falamos sobre a cultura, não devemos nos esquecer da gastronomia, que é um outro campo que vem sofrendo sobreposições

⁶ Termo capacidade, refere-se as abordagens aduzidas por Amartya Sen, na Obra: Uma Ideia de Justiça, que traduz a capacidade como possibilidade que o indivíduo tem de estabelecer escolhas, podendo definir a maneira no qual pretende conduzir a sua vida.

⁷ Cf. NKURUMAH, Kwame. *Neocolonialismo: último estágio do Imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965

⁸ FORTUNATO, Isidro. *Conferencia Virtual sobre Pan Africanismo*. Angola 2020.

hegemônicas. Atualmente, quando se aborda a gastronomia do ponto de vista internacional, poucos pratos africanos ou andinos têm o mesmo status internacionalizado ou globalizado, como por exemplo a pizza e o hambúrguer, que vão ganhar protagonismo global cumprindo papéis simbólicos de um localismo globalizado, que segundo Boa Ventura Sousa Santos consiste na globalização que parte de cima para baixo,⁹ ou seja, culturas euro-americanas que se tornaram um padrão universal. E neste sentido, o *acarajé* baiano, o *fungi* angolano, a *xima* moçambicana, que são pratos oriundos da África, não possuem o mesmo status de notoriedade globalizante, porque há aqui, uma narrativa colonial hegemônica que determina o bom, o melhor e agradável, comestível e civilizado.

Frise-se que, não se trata aqui de desmerecer as qualidades que estas gastronomias possuem, entretanto, analisamos o simbolismo hegemônico com os quais se impõem no mercado, o que também pode ser justificado pelas regras de livre concorrência e de livre mercado. E de acordo com as regras do capitalismo, os mais fracos serão subjugados por aqueles que detêm a maior acumulação do capital, o que demonstra a hegemonia dos mesmos autores colônias. A hegemonia do capital, tem o mesmo poder simbólico de imposição pela força, embora aparentemente justificadas pelas lógicas dominantes do mercado liberal.

O mesmo pode ser dito sobre o racismo científico¹⁰ que congrega epistemologia ocidentais universalizada no topo da hierarquia, negando as outras formas de saberes existente em outras culturas. O racionalismo europeu constitui um parâmetro globalizado de se interpretar o universo e dizer a ciência. E outras experiências de saberes contrárias serão consideradas irracionais consequentemente inutilizável para a ciência.

4 O colonialismo e colonialidade: tecnologia para subalternização global do homem negro

Com a invasão europeia no continente africano a partir do sec. XV, deu-se início da colonização que se desencadeia através de um processo violento de

⁹ Santos, Boaventura de Souza. *Uma concepção multicultural de direitos humanos*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 1997, n. 39 [Acessado 4 Junho 2021] , pp. 105-124. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>>. Epub 19 Nov 2010. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>.

¹⁰ Cf. Sánchez-Arteaga, Juan Manuel, Sepúlveda, Cláudia, El-Hani, Charbel N. *Racismo científico, procesos de alterización y enseñanza de ciencias*. Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación [en línea]. 2013, 6 (12), 55-67 [fecha de Consulta 4 de Junio de 2021]. ISSN: 2027-1174. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281029756004>

subjugação e dominação política, cultural e econômica, acompanhado de um controle efetivo de corpos africanos¹¹. Neste processo de apropriação indevida de corpos, riquezas africanas, a instrumentalização de corpos africanos, a negação da alteridade cultural negra, considera-se a primeiras formas de manifestação de colonialidade refletido através da força bruta impositiva do poder europeu contra o homem negro africano.

Nos dias atuais, a colonialidade pode ser entendida como um conjunto de ações, discursos e linguagem¹², que viabiliza a hegemonia de um grupo em detrimento de outros grupos, estabelecendo uma relação de poder entre dominadores e os dominados, vencedores e vencidos. Neste cerne, ultrapassamos o colonialismo como imposição de violência e da força bruta contra os corpos negros, pois, a modernidade oferece outras formas hegemônicas de subhumanizar os corpos negros que continuam vivenciados outras dores sociais em seus corpos.

Na modernidade globalizada, a relação do poder entre o colonizador e colonizado passou a ser demonstrada de a luz de outras formas de colonialidades, que parte da apropriação do capital, de meios de produção, o controles das instituições criminais, como prisões, poder judiciários e outras instituições do Estado, que são tecnologia ou armas que viabilizam as ações de colonialidade enquanto uma racionalidade de vida que reproduz a violência, o racismo, a pobreza e desigualdade social.

5 Mecanismo políticos, econômicos, ideológico e sociais como formas de subalternizar

O mundo, atualmente é governado por três ismos, que refletem conjunto ou tipos de globalizações, que são o capitalismo, neoliberalismo e liberalismo, modelos políticos econômicos e hegemônicos que governam a modernidade global.

A escravidão no continente africano sempre esteve atrelada ao capitalismo. Foi um sistema de pilhagem das riquezas africanas, mas também uma arma que permitiu a transformação do ser humano africano em homem-moeda,

¹¹ KI-ZERBO. Joseph. *História da África Negra*. 2 Vols. [1972]. Lisboa: Europa-América, 1999.

¹² Cf. Fanon, F. *The Wretched of the Earth*, New York, Grove Press, Chapter Three: Pitfalls of National Consciousness. (1961)[1963],

homem-mercadoria e homem instrumento¹³. Para Fernando Ronil, o colonismo é o lado escuro do capitalismo e, sem dúvida, essa estrutura vai dinamizar e garantir as relações desiguais, perpetuando o discurso hegemônico colonizador.

E o neoliberalismo como uma racionalidade, assente nas generalizações de concorrência que transformam as pessoas em empresas¹⁴, constitui paradigmas coloniais que impedem a distribuição igual dos recursos, mantendo as desigualdades como forma de opressão aos menos favorecidos.

O liberalismo e a democracia liberais são premissas convergentes que atuam como subestruturas propagando egocentrismos e lógica da justiça, voltados para o mercado desregulado e que funciona como fenômenos globalizados que maximizam as injustiças, inclusive raciais à luz de discursos universais hegemônicos que controlam as formas de vidas.

Ademais, o capitalismo e seus desdobramentos contribuem para a massificação de uma cultura de não respeito pelo meio ambiente, baseado nos desfloramentos, extrativismos e destruição de ecossistemas para favorecer os interesses do capital global. África, o continente mais saqueado pelo imperialismo europeu, continua sendo saqueado pelos modelos capitalistas, embora atualmente ainda contemple um terço de recursos minerais. Todavia essas riquezas não servem aos interesses dos povos africanos¹⁵, que continuam ainda mais pobres. Isso ilustra a lógica opressora de modelos globalizados e hegemônicos idealizados para marginalizar e oprimir.

Resgatar o pan-africanismo e a negritude como categoria intrínseca ao continente africano, torna-se crucial para nos livrar das garras das globalizações hegemônicas que generalizam o sofrimento racializado à luz das macroestruturas coloniais. E voltando à historicidade africana, compreendemos que a base da economia era pautada na relação entre o homem e terra, ou seja, uma economia biocêntrica e ecocêntrica, porque a terra é vista como o garante da sobrevivência humana, sempre foi respeitada. Ademais, a cultura africana tem como alicerce a proteção da natureza, algumas vezes tida como sagrada, e essas ecologias de saber são fundamentais para contrapor a dinâmica das globalizações hegemônicas de sistematização de uma economia baseada no extrativismo e degradação ambiental.

O *ubuntu* enquanto concepção afrocêntrica que possui uma ligação epistêmica com a negritude, é uma categoria pluriversal na linguagem de

¹³ MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014. Pag. 30

¹⁴ DARDOT, P.; LAVAL, C.. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p

¹⁵ CF. BURGIS, Tom. *A Pilhagem de África*. Amadora-Portugal: 20/20 Editora, 2015

Ramose¹⁶, assente na cultura de compartilhamento e distribuição igualitárias¹⁷ e é por um lado, um conceito ético, filosófico e emancipatório das imposições neoliberais que promovem o individualismo. E num contexto das globalizações hegemônicas manifestadas pelo capitalismo, liberalismo e neoliberalismo, é fundamental globalizar de maneira contra hegemônica e entonar as dimensões comunitárias do *ubuntu* enquanto um instrumento para a vida de compartilhamento que parte da valorização do *Outro* para existência do *Eu*.¹⁸

6 Globalização da opressão negra

A afro-fobia, o racismo, o encarceramento em massa do povo preto, a seletividade penal, a vigilância policial¹⁹, a pobreza extrema, a violência policial sobre os corpos negros, a privação dos direitos fundamentais, a danificação dos símbolos históricos africanos, são sem dúvida problemas globais que assola as comunidades negras em diferentes espaços geopolíticos. Essas patologias sociais inerentes às pessoas pretas têm se tornado um problema internacional e não um problema isolado. Daí que a respostas contra essas atrocidades deve merecer uma narrativa global e decolonial.

Por algum momento, o racismo e o preconceito contra pessoas pretas foram considerados problemas fragmentados que diziam respeito a determinados países em concreto, considerados racistas e preconceituosos, e este diagnóstico não os parece uma observação adequada para os problemas globais que as comunidades pretas enfrentam. Em qualquer parte do mundo, o preconceito e a subalternização se têm feito sentir, embora alguns problemas tenham a proporcionalidade ou graus diferenciados.

¹⁶ RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

¹⁷ RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

¹⁸ METZ, Thaddeus. *Ubuntu como teoria moral e direitos humanos na África do Sul*. **Afr. zumbir. lei de direitos j.**, Pretória, v. 11, n. 2, pág. 532-559, 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1996-20962011000200011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de julho de 2021.

¹⁹ Cf. DA RODA, Arménio Alberto Rodrigues. *O Racismo Prisional: Crítica às Políticas Carcerárias no Extermínio de Corpos Negros*, Revista Direito & Paz, v. 2 n. 43 (2020). DOI: <https://doi.org/10.32713/rdp.v2i43.1343>, Disponível em: <https://www.revista.unisal.br/lo/index.php/direitoepaz/article/view/1343>. Acessado no 08 de jun 2021

Em um olhar empírico, constata-se hoje que poucas pessoas negras ocupam cargos de chefias nas empresas, mesmo em países como um percentual maior da população preta como Brasil por exemplo. Existem poucas representatividades de pessoas pretas em cargos de liderança, nas televisões e no cenário político e diplomático o mesmo cenário se repete.

E voltar ao continente africano, deparamo-nos atualmente com o problema do *colorismo*, uma forma de manifestação de racismo em que se valoriza as pessoas com tonalidade de pele mais clara, “mulatos”, que terão mais privilégios no cenário trabalhistas, embora com percentual menor de pessoas com a tonalidade de pele claras, é frequente encontrar indivíduos com essas características ocupando cargos de liderança em bancos e demais empresas.

O mesmo pode se dizer sobre Portugal, onde 50% das pessoas pretas ocupam trabalhos braçais, 46% vivem em casas sobrelotadas, sem se esquecer dos 38% que enfrentam dificuldade para pagar as contas mensais, o que aponta para a globalização da marginalização negra no mundo inteiro²⁰.

Este cenário, constitui a imagem global do homem negro que perdeu a sua humanidade, retirada pela lógica sistêmica de aparato da dominação capitalista que vai definir os critérios de aquisição de dignidade e autonomia.

7 A recuperação do nacionalismo negro: caminhos para a unidade global negra

O nacionalismo é concebido como um princípio de unidade nacional assente na homogeneidade cultural²¹, e para essa abordagem, o nacionalismo corresponde ao vínculo de ancestralidade presente entre as pessoas pretas, que partilham do mesmo passado cultural e ancestral. Pois, pensar no nacionalismo negro, é oportuno diante da crise que acomete a população negra, marginalizada pelo discurso e linguagem global eurocêntrica excludentes.

A ideia do nacionalismo negro foi construído em diferentes perspectivas, para Marcus Garvy, a emancipação e a unidade das pessoas negras só seria possível²² apenas com o regresso dos afros americano para a África, lugar onde se lograria o imaginário da dignidade negra, que se terá reiterado das comunidades negras nas américas, e a volta para a África restauraria os direitos das

²⁰ GUEDES, Nunes. *Ser negro em Portugal: piores empregos, mais pobreza, casas sobrelotadas*, 29 de Novembro de 2018, disponível: <https://www.tsf.pt/sociedade/ser-negro-em-portugal-piores-empregos-mais-pobreza-casas-sobrelotadas-10252145.html>. acessado no 0 de junho de 2021

²¹ Cf. GUELLNER, Ernest, *Nações e Nacionalismo*, 1ª edição, Lisboa, 1993, pp. 11-12.

²² DURÃO, Gustavo de Andrade. *Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa pós-colonial*. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 212 - 242, jul./set. 2018.

comunidades negras na diáspora. Entretanto, essa narrativa não logrou êxito, embora pertinente naquele contexto da brutalização do homem preto nos Estados Unidos.

Para Malcom X, os pretos deveriam viver em lugares separados dos brancos, ideia refirmada pelo então presidente do Estados Unidos Abraham Lincoln, negando de modo absoluto a integração da comunidade preta em país de maioria branca. Para Malcolm, seria impossível reconhecer a dignidade dos homens negros nos Estados Unidos.²³

Franklin, fala-nos das características do Estado americano que envolve uma nação dentro da outra nação, os negros que compartilham de identidades culturais diferentes dos brancos. Neste contexto, as comunidades negras se veem forçadas a viver debaixo de uma cidadania simbólica de integração, porém com estruturas altamente excludentes e discriminatórias.²⁴

Essas tentativas de unificação de comunidade negra são pertinentes do ponto de vista histórico e na luta para uma emancipação negra. Entretanto, nos dias atuais onde somos governados por outras lógicas hegemônicas e opressoras, é imprescindível o resgate do nacionalismo para propor uma unidade assente na preto-globalização ou na globalização do negro para se opor aos ideários hegemônicos coloniais e opressores.

Os Estados multiétnicos e multirraciais como Brasil e Estados Unidos refletem um conceito de Estado despido da verdadeira ideia de nação, que nunca foi plenamente efetivada, o que gera uma cultura de separatismo nacional proclamadora das desigualdades sociais extravagantes, culminando na discriminação e exclusão das comunidades negras que representam maior porcentagem de pobreza, desempregos e outras formas de violência, porque estes nunca foram considerados cidadãos do Estado-nação.

Nação envolve uma unidade nacional entres os diferentes grupos étnicos existentes no interior de um Estado, garantindo uma coesão e integração do ponto de vista político e econômico. O que se vislumbra em democracias ocidentais é o contrário, pois existe um conceito simbólico de Estado-nação que define quem é nacional e não nacional, cidadão e não cidadão, nativo e não nativo, afro descendente e descendentes de europeus. Portanto, nestas classificações excludentes, o fator determinante são as características biológicas de cada grupo. E neste quadro de Estado-nação, o preto é representado como imaginário colonial como do subumano, o pagão e sem capacidade civilizatória para pertencer a uma nação que pertencente à branquitude.

²³ MALCOLM X e ALEX HALEY, *Autobiography of Malcolm X*. United State 1960.

²⁴ FRAZIER, Edward Franklin. *Black Bourgeoisie*. University of Missouri Press; First edição (2 maio 2002)

Os Estado-nação como Brasil e Estados Unidos, demonstram com clareza os grupos integrados como cidadãos, que são os brancos, menos afetados pela pobreza, pelo desemprego e pela violência policial. A integração dos negros enquanto cidadãos não passa de um mito e retórica política que continua marcando desigualdade social e violência racial institucionalizada.

Um nacionalismo negro globalizado torna-se incindível para a formação de uma razão negra emancipada e interlaçada no esforço pelo combate contra a nova lógica de colonialidade. A pertença do preto no mundo de marginalização racial globalizada está na solidariedade de outros negros, esteja na diáspora ou no continente africano, que visualiza a sua humanidade noutro semelhante negro.

8 Epistemicídio: desqualificação de saberes e sujeitos

Historicamente, a dominação europeia fez com que o ocidente impusesse a sua civilização a toda humanidade. Por isso, as matrizes teóricas e filosóficas euro-americanas tendem a desvalorizar os saberes e conhecimentos africanos e da diáspora negra, privilegiando o saber ocidental que desqualifica e secundariza os conhecimentos científicos que são produzidos fora da bolha ocidental. Deste modo, em nome da suposta globalização e para manter a sua influência e hegemonia internacionais, impõem a estes povos africanos uma civilização que afronta e desvaloriza a sua cultura e tradição apagando a sua forma de ser e estar no mundo.

Boaventura Sousa Santos denominou essa forma de negação, invisibilização, ocultação e desqualificação do conhecimento dos povos dominados de epistemicídio, para descrever o paradigma de dominação eurocêntrica do genocídio, destruição de conhecimentos que não são assimiladas pelo ocidente. Este autor, assevera que:

O genocídio que foi utilizado como instrumento para a expansão colonial e dominação europeia foi ao mesmo tempo um epistemicídio. Uma vez que se eliminou os estranhos porque tinham formas de conhecimentos estranhos e sustentadas por práticas estranhas. Mas adiante, o autor acrescenta que, o epistemicídio foi mais vasto que o genocídio, vez que foi utilizado para subalternizar, subordinar, marginalizar ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão europeia capitalista²⁵.

²⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8 edição. São Paulo: Cortez, 2001, p. 328.

Indubitavelmente, a consagração euro-americana foi construída sobre o alicerce da inferiorização cultural e intelectual dos povos africanos, que foram retirados forçadamente das suas terras e daqueles tidos como Outros. No projeto de dominação, os esforços foram concentrados na exclusão social, na incapacidade cognitiva inata dos negros, no encarceramento indiscriminado dos pretos, na destruição teórica, social e políticas dos povos africanos.

De acordo com Sueli Carneiro, o epistemicídio também e a negação histórico, social, político e cultural pela classe dominante daqueles tidos como Outros. O epistemicídio se verificou majoritariamente na negação ao acesso à educação, na constante inferiorização intelectual e cultural e na perpetuação de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento. A autora acrescenta que, a desqualificação dos conhecimentos desses povos africanos e diáspora negra foi acompanhada com a desqualificação dos próprios sujeitos, uma vez que, no seu entendimento, não é possível desqualificar as formas de conhecimento sem desqualificá-los também como sujeitos²⁶.

Para além do epistemicídio que significa necessariamente a rejeição ou o silenciamento de determinados conhecimentos dos povos dominados, Silva Rivera Cusicanqui cunhou outro conceito que o denominou de extrativismo epistêmico para tratar da extração e do domínio epistêmico que os representantes dos conhecimentos do Norte realizam, historicamente, sobre os conhecimentos do Sul. O autor denuncia na sua obra, práticas de extrativismo epistêmico alegando a apropriação indevida de conhecimentos que, muitas vezes, estão fixados na oralidade de certas comunidades, e assim os dominam e publicam como se fossem seus precursores²⁷.

Em meio a constantes desafios que são impostos à pessoas pretas no mundo atual, como a desconfiança de que as pessoas pretas não são capazes de criar um sistema robusto de pensamento, como é uma filosofia. A questão de rompimento de estereótipos se mostra de tamanha importância para exterminar com o desconhecimento, preconceito e deturpações acerca da capacidade intelectual dos povos negros, por isso, urge a necessidade de impulsionar os valores e cultura africana que foram amplamente difundidos pelos precursores do movimento pan-africanismo através do slogan solidariedade, libertação e integração. A recuperação ou o resgate da identidade africana como pautada pelos defensores do movimento pan-africanismo, ganha uma dimensão especial para reverter a distorção histórica criada pelo movimento eurocentrista. Para

²⁶ CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São -Paulo. Tese (Doutorado em educação). Universidade de São Paulo, 2004, p. 97

²⁷ CUSICANQUI,

tanto, a afrocentricidade – movimento intelectual que coloca a África no centro da visão do mundo – defende valores e culturas africanos que desempenham um papel crucial para a materialização desse propósito.

9 Afrocentricidade como novo paradigma

A afrocentricidade surgiu como um novo paradigma epistemológico em reposta à supremacia branca, a partir da obra do autor estadunidense Molefi Asante, publicada em 1980, intitulada: *Afrocentricity: The Theory of social change* (Afrocentricidade: teoria da mudança social), entretanto, o autor reconhece que não foi o criador desse termo, vez que já era utilizado por outros escritores negros do movimento pan-africano, com destaque para o ex presidente de Gana Kwame Nkrumah. Na verdade, a afrocentricidade tem suas raízes em movimentos anticolonialistas do século XX.

Afrocentricidade como ideia intelectual refere-se essencialmente à centralidade da cultura e valores africanos. Essa teoria de pensamento advoga a ideia da cooperação dos povos africanos e da diáspora negra, e convoca para a desconstrução de argumentos contraditórios, falácias históricas e errôneas sobre a África²⁸. Essa ideia não é inteiramente nova, vez que alguns intelectuais da vanguarda africana como Marcus Garvey já defendia a necessidade de olhar o mundo através das nossas próprias lentes. W. E. B. Du Bois chamava atenção para a necessidade de existência de uma Universidade negra para interpretar os fenômenos africanos. Na sua obra *Os condenados da terra* (1961), Franz Fanon sustentou a ideia de que os africanos devem deixar de olhar e imitar os europeus e seus costumes.

O postulado básico da afrocentricidade é a pluralidade, pois ela não se considera a única detentora do conhecimento válido, não se pretende hegemônico, pelo contrário enfatiza o diálogo entre conhecimento de diversas realidades. Afrocentricidade como novo paradigma de pensamento se pretende revolucionário, uma vez que promove ideias, conceitos, personalidades, eventos com a finalidade de colocar o povo negro no centro da própria história. A busca de restauração da autoconsciência africana é o grande objetivo dessa teoria de conhecimento.

Asante destaca cinco aspectos para uma metodologia afrocentrada: o lugar psicológico; o espaço representativo do africano como sujeito; as representações dos elementos da cultura africana; o entendimento do discurso

²⁸ ASSANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity: The theory of social change*. Chicago: African American image, 2003.

através de um refinamento léxico e uma verdadeira história para África através de novas narrativas.

Por conta do recrudescimento do localismo globalizado euro-americano, particularmente na diáspora africana como no Brasil e EUA, milhões de pessoas de herança africana acreditam que a África é uma realidade marginal na civilização humana. Por isso, o conceito de pretobalização ou globalização do preto embasado na afrocentricidade busca resgatar os ideários do pan-africanismo, da negritude e do anticolonialismo para restaurar a consciência histórica do povo africano com finalidade de reconquistar os valores perdidos e dimensionar a identidade sociopolítica, econômica e cultural do povo negro como forma de tornar as pessoas pretas agentes de ação, mudança, transformação e que rejeitam a alteridade imposta pelo eurocentrismo.

O povo preto necessita de um novo posicionamento cognitivo face ao novo localismo globalizado, para dinamizar a sua transformação social centrada na avaliação de suas condições históricas culturais, com base em uma localização na África e sua diáspora. A nossa história precisa ser contada com narrativas verdadeiras e que destacam a real contribuição africana para o desenvolvimento da humanidade. Neste sentido, Asante assevera que:

“Localização”, no sentido afrocêntrico, refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento da história. Assim, estar em uma localização é estar ficando temporária ou permanente, em determinado espaço. Quando o afrocentrista afirma ser necessário descobrir a localização de alguém, refere-se, a saber, se essa pessoa está em um lugar central ou marginal com respeito à sua cultura. Uma pessoa oprimida está deslocada quando opera de uma localização centrada nas experiências do opressor²⁹.

Ter a África como o centro, significa resgatar toda a herança sociopolítica e cultural da ancestralidade do continente pautado no reconhecimento de que os valores africanos devem ser respeitados, mantidos e transmitidos de geração em geração como forma de perpetuar conhecimentos que solidificam os povos africanos e diásporas na luta contra o eurocentrismo, que se pretende hegemônico globalizado e que tem como foco a desvalorização da cultura e saberes africanos.

O renascimento africano como matriz filosófica e cultural depende da vontade de pessoas pretas em construir um corpo de conhecimento que articule

²⁹ ASSANTE, Molefi, Kete. *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). *afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: selo negro, 2009. p, 93.

a realidade e as experiências dos povos africanos e diaspórico com as das clássicas civilizações do continente, como forma de reposicionar o seu estatuto no mundo. Hodiernamente, o povo negro é visto com um ser que está à margem da sociedade e que merece passar por todas as atrocidades como: pobreza, encarceramento indiscriminado, morte sistemática pela polícia e privação dos direitos fundamentais.

Assante defende que, urge, o processo de conscientização política do povo negro para abrir possibilidades na mente, uma vez que a colonização europeia colocou as pessoas pretas numa situação de total exclusão em todos processos de produção de conhecimento como educação, arte e tecnologia para mantê-los numa situação de inferioridade.

10 Considerações finais

Para refrear a massificação do discurso neocolonial euro-americano globalizado e hegemônico, que orchestra a marginalização e a subalternização do povo negro no cenário global, é crucial a dinamização do afro-centrismo e recuperação da negritude, do nacionalismo negro e do pan-africanismo, enquanto paradigmas emancipatórios capazes de refrear as dinâmicas globais que perpetuam o racismo, o genocídio, o epistemicídio, a sub-humanização e outras formas de exclusões globais.

E neste fito, a identidade negra, deve assumir posturas contra hegemônicas, capaz de localizar o substrato cultural, epistemológico africano no quadro global, amparado pela diáspora, que busca reafirmar o negro como sujeito pensante, autônomo, humano, com uma cultura e história própria. Daí, a relevância da preto-globalização que busca o reconhecimento global, através de conscientização do localismo africano e solidariedade entre os povos negros na África e diáspora, sobre os problemas históricos que lhes afligem.

Referências

ASSANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: selo negro, 2009.

BURGIS, T. **A Pilhagem de África**. Amadora-Portugal: 20/20 Editora, 2015.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São -Paulo. Tese (Doutorado em educação). Universidade de São Paulo, 2004.

DA RODA, A. A. R. O Racismo Prisional: Crítica às Políticas Carcerárias no Extermínio de Corpos Negros, **Revista Direito & Paz**, v. 2 n. 43 (2020).DOI: <https://doi.org/10.32713/rdp.v2i43.1343>, Disponível em: <https://www.revista.unisal.br/lo/index.php/direitoepaz/article/view/1343>. Acessado no 08 de jun 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DUSSEL, E. [1942]. O Encobrimento do Outro: origem do mito da modernidade. **Conferência de Frankfurt/Enrique Dussel**, Tradução A. Classen. Petrópolis: Vozes, 1993.

DURÃO, G. de A. Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa pós-colonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 212 - 242, jul./set. 2018.

FANON, F. **The Wretched of the Earth**, New York, Grove Press, Chapter Three: Pitfalls of National Consciousness, (1961)[1963].

FORTUNATO, I. **Conferência Virtual sobre Pan Africanismo**. Angola 2020.

FRAZIER, E. F. **Black Bourgeoisie**. University of Missouri Press; First edição (2 maio 2002)

GUEDES, N. **Ser negro em Portugal: piores empregos, mais pobreza, casas sobrelotadas**, 29 de Novembro de 2018, disponível: <https://www.tsf.pt/sociedade/ser-negro-em-portugal-piores-empregos-mais-pobreza-casas-sobrelotadas-10252145.html>. acessado no 0 de junho de 2021.

GUELLNER, E. **Nações e Nacionalismo**, 1ª edição, Lisboa, 1993.

MALCOLM, X.; HALEY, A. **Autobiography of Malcolm X**. United State 1960.

METZ, T. **Ubuntu como teoria moral e direitos humanos na África do Sul**. Afr. zumbir. lei de direitos j. , Pretória, v. 11, n. 2, pág. 532-559, 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1996-20962011000200011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de julho de 2021.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014. Pag, 30

MUNANGA, K. Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro, **Ilha – Revista de Antropologia**, ISSN 2175-8034 v. 18 n. 1 (2016), disponível em; DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2016v18n1p109>.

NKRUMAH, K. **Neocolonialismo: último estágio do Imperialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

RAMOSE, M. B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, M. B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J.

(eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

RAMOSE, M B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, J. M., SEPÚLVEDA, C.; EL-HANI, C. N. Racismo científico, procesos de alterización y enseñanza de ciencias. **Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación** [en línea]. 2013, 6 (12), 55-67 [fecha de Consulta 4 de Junio de 2021]. ISSN: 2027-1174. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281029756004>.

SANTOS, B. de S. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política** [online]. 1997, n. 39 [Acessado 4 Junho 2021], pp. 105-124. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>>. Epub 19 Nov 2010. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 8 edição. São Paulo: Cortez, 2001, p. 328.

KI-ZERBO. J. **História da África Negra**. 2 Vols. [1972]. Lisboa: Europa-América, 1999.



ARTIGOS
LIVRES

Revista
Diálogos
(RevDia)

Black-Globalization: counter-hegemonic narrative of globalizations and Euro-American universalism

ABSTRACT:

In this article, we seek to present a new counter-hegemonic grammar called black-balization or black-globalization, which aims to recover the ideas of blackness, pan-Africanism and black nationalism, to face the current global structure of universalism, Eurocentrism, neocolonialism and capitalism, which continues to oppress the black population, which sees They life subhumanized, impoverished, imprisoned, and imprisoned under the yoke of the dominant global system, based on neocolonial arrangements. Therefore, black-globalization seeks to see the problems of the black population like as global, where we identify black people and their culture has been marginalized and subordinated in several parts of the world. And finally, we reaffirm the importance of a vision of black solidarity in the global panorama.

KEYWORDS:

Black-Globalization; Hegemonic and Counter-Hegemonic Globalization; Universalism; Pan-Africanism and Negritude.